

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MONTEIRO LOBATO E A EDUCAÇÃO: O IDEÁRIO  
PEDAGÓGICO EXPRESSO NA PERSONAGEM DONA BENTA**

**LAÍS PACIFICO MARTINELI**

**MARINGÁ  
2011**

**LAÍS PACIFICO MARTINELI**

**MONTEIRO LOBATO E A EDUCAÇÃO: O IDEÁRIO PEDAGÓGICO  
EXPRESSO NA PERSONAGEM DONA BENTA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Maringá como requisito  
parcial para obtenção do título de licenciada em  
Pedagogia.

Orientador(a):  
Prof<sup>ª</sup>. Dr(a).: Maria Cristina Gomes Machado

**MARINGÁ  
2011**

LAÍS PACIFICO MARTINELI

**MONTEIRO LOBATO E A EDUCAÇÃO: O IDEÁRIO PEDAGÓGICO  
EXPRESSO NA PERSONAGEM DONA BENTA**

**Monografia apresentada ao curso de  
Pedagogia da Universidade Estadual de  
Maringá, como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciada em  
Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra.  
Maria Cristina Gomes Machado.**

APROVADA: 25 de novembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Maria Cristina Gomes Machado (Orientador) – UEM

Prof. Ms. Sandra R. Cassol Carbello – UEM

Prof. Dr. Renata Marcelle Lara Pimentel – UEM

*Á minha mãe, Telma  
por ser a mais abençoada e dedicada, minha fonte  
de inspiração e meu maior orgulho.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, grande iluminadora do meu caminho e da minha mente.

Ao meu pai, Adilson, e aos meus irmãos, Éllis e Guilherme, aos quais dedico imenso amor, por todos os momentos de descontração e alegria em família.

À tia Má e à avó Dete, por se angustiarem com minhas angústias e por todas as orações atendidas.

À minha dinda amada, Tânia, pelas ligações semanais que me transmitiram força, coragem e muito amor.

Aos Pacifico e Martineli, a família mais rica, pela torcida e apoio.

À Prof. Dra. Maria Cristina Gomes Machado, pela imensa dedicação, paciência e por me ensinar muito sobre Lobato.

Ao Keros, por normatizar o trabalho.

Às colegas de turma, por não me deixarem desistir e por me aturarem como sou.

À Aline, por me mostrar o caminho, por ser minha confidente e melhor amiga, à Fernanda, pelo eterno carinho e amizade incondicional, e à Larissa, por voltar a minha vida e ser minha irmã. Amigas enviadas por Deus.

Às minhas amigas de adolescência, Hellyery e Tayara, pelas “histórias, nossas histórias” e pelo grande companheirismo.

Aos integrantes do Grupo Renascer, por terem me trazido de volta à vida, me apresentando um amor maior e me dedicando uma grande amizade.

*“A riqueza material é areia do deserto: ora se acumula aqui, ora ali, conforme sopram os ventos. Mas quem tem a riqueza no miolo, ah, esse está garantido contra todos os azares da vida” (LOBATO, 1986d)*

MARTINELI, Laís Pacifico. **Monteiro Lobato e a educação:** o ideário pedagógico expresso na personagem Dona Benta. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Maringá.

**Resumo:**

O trabalho considera que a literatura brasileira, como fonte de pesquisa, tem recursos infindáveis que possibilitam a apreensão do contexto cultural, social e político nos quais as obras são criadas, bem como é possível estudar as suas implicações na educação. Objetiva-se analisar o ideário pedagógico subjacente às ações de cunho educacional da personagem Dona Benta, em particular nos livros: *História do mundo para as crianças*, publicado em 1933, *Geografia de Dona Benta*, publicado em 1935, e *Serões de Dona Benta*, publicado em 1937. A análise evidenciou os aspectos sociais, políticos, culturais e educacionais do período da produção da obra, que subsidiaram a compreensão do pensamento de Monteiro Lobato acerca da educação e de uma tendência pedagógica. Os resultados possibilitam afirmar que a literatura infantil de Monteiro Lobato se aproxima da concepção pedagógica escolanovista, sobretudo, no que diz respeito às ações educativas de Dona Benta.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato; Educação; Ideário Pedagógico.

MARTINELI, Laís Pacifico. **Monteiro Lobato and education:** the pedagogical ideas expressed through the character Dona Benta. Monograph (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Maringá.

**Abstract:**

This paper takes into consideration that Brazilian literature, as a source of research, has endless resources which enable the learning of cultural, social and political context which the books are created upon as well as the possibility of studying their implications on education. The paper is aimed at analyzing the pedagogical ideas behind the character Dona Benta's educational actions, especially in the books: *História do mundo para as crianças*, published in 1933, *Geografia de Dona Benta*, published in 1935 and *Serões de Dona Benta* published in 1937. The analysis showed that social, political, cultural and educational aspects in the period when the books were written, which subsidized the comprehension of Monteiro Lobato's thinking about education and a pedagogical strand. It was concluded that the study provided the basis to say that Monteiro Lobato's children literature is close to the 'new school' pedagogy, especially where Dona Benta's educational actions are concerned.

**Keywords:** Monteiro Lobato; Education, Pedagogical ideas.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 MONTEIRO LOBATO: SEU TEMPO E SUAS OBRAS</b> .....	15
<b>3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: PEDAGOGIA DE DONA BENTA</b> .....	22
<b>4 RELAÇÕES ENTRE AS AÇÕES EDUCATIVAS DE DONA BENTA E O IDEÁRIO PEDAGÓGICO ESCOLANOVISTA</b> .....	37
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo tem como objetivo analisar a literatura infantil de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) e a concepção pedagógica subjacente aos seus escritos, especialmente, nos livros *Histórias do mundo para as crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935) e *Serões de Dona Benta* (1937), por meio das ações educativas de Dona Benta. Buscamos explicitar os elementos socioeconômicos, políticos e culturais presentes no contexto da criação da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em particular nos livros selecionados, identificar nas ações de cunho educacional de Dona Benta o ideário pedagógico subjacente, bem como, suas características, elencando-a. Deste modo, enfatizamos analisar a existência de relações entre as ações educativas da personagem Dona Benta com as discussões educacionais do período e com o modelo pedagógico escolanovista, presente no pensamento dos intelectuais do período como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), entre outros.

Monteiro Lobato é um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX, tendo uma vasta produção literária composta por livros, poemas, contos, crônicas e artigos. No conjunto de sua obra destacam-se os livros: *Urupês* (1918); *Cidades Mortas* (1919); *Negrinha* (1920); *Onda Verde* (1921); entre outros. A coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, escrita entre os anos de 1920-1944, composta de 15 volumes, foi a obra de maior repercussão do autor e era direcionada ao público infantil.

Além de escritor, Lobato exercia atividade editorial expressiva no período, por meio da Companhia Editora Nacional e Editora Brasiliense (KOSHIYAMA, 1982). Por elas foram publicados, além de sua própria produção, livros de importantes autores brasileiros, entre eles Oswald de Andrade (1890-1954). Lobato considerava que a qualidade gráfica dos livros era muito importante e, por isso atribuía a ela um fator primordial. A aparência do produto, sua capa e qualidade, eram indispensáveis para atrair a atenção dos leitores<sup>1</sup>.

A intensa e notável atividade literária e editorial de Monteiro Lobato somava-se a um profundo engajamento social e político em seu tempo, especialmente, a partir dos anos de 1920, momento em que a República estava fortalecendo as suas bases. Embora a velha

---

<sup>1</sup> Lajolo (2000, p. 32) esclarece que “Monteiro Lobato aprende a importância da embalagem e do rótulo” na produção dos livros, pois passa a conceber a literatura como mercadoria. Por isso, “[...] preocupa-se – e muito – com a materialidade dos livros de sua editora. Investe na qualidade gráfica dos volumes, moderniza as capas e encomenda desenhos especiais para ilustração” (LAJOLO, 2000, p. 32).

estrutura rural ainda fosse muito presente, o Brasil buscava a sua modernização. Emergiu o nacionalismo que se manifestou na arte, na literatura, na educação, enfim, disseminou-se pelo país nos mais diversos âmbitos. Lobato promoveu campanhas pela saúde, defesa do meio-ambiente, reforma agrária e petróleo. Isso fica expresso em suas obras, como por exemplo, *O escândalo do Petróleo* (1936), e nas características de seus personagens, como o Jeca Tatu.

A vida e a obra deste célebre intelectual brasileiro é objeto de estudos e pesquisas, materializados em forma de livros, artigos de natureza científica, teses, dissertações, ensaios. O pensamento de Lobato gerou e prossegue gerando polêmicas das mais diversas ordens sejam no âmbito das suas concepções políticas (SANTOS, 2008), sociais (SOUZA, 2008), étnico-raciais (LAJOLO, 1998), seja de seu pensamento sobre a educação e a pedagogia (MACHADO, 1993; LAJOLO, 2000, entre outros).

No que se refere às questões educacionais e pedagógicas, a produção literária infantil de Monteiro Lobato<sup>2</sup>, sobretudo, o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* é considerado por diversos autores como um "projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil" (LAJOLO, 2000, p. 60). Isto está relacionado ao contexto histórico do autor e pelas necessidades que se punham de modernização do país, de formação de uma cultura nacional, da alfabetização e da própria educação do povo brasileiro.

Partimos do entendimento de que a literatura brasileira tem recursos infindáveis que possibilitam a apreensão do contexto histórico e cultural do período em que foi produzido. A escolha dessa análise a partir da obra de Monteiro Lobato deve-se ao fato de ter sido ele um escritor comprometido com as questões do seu tempo e ter uma produção literária pedagógica. Consideramos que o estudo dessas questões possa contribuir para a compreensão do ideário pedagógico dos anos de 1920-1940, as suas implicações para a educação brasileira, bem como para o exercício da docência em um dado momento histórico.

O estudo pode se materializar com avanços no campo acadêmico-científico, por meio da produção de um conhecimento teórico que subsidie reflexões e análises para compreensão da educação como processo histórico e, particularmente, do período compreendido entre os anos de 1920 e 1940, de grande repercussão na educação brasileira.

---

<sup>2</sup> A produção literária infantil de Monteiro Lobato envolve os livros da Coleção *Sítio do Pica –Pau Amarelo* e outros livros que não são incluídos nessa coleção, como *A caçada da onça* (1924) e *Jeca Tatuzinho* (1924).

Nestes anos, difundiram no país ideias de renovadores da educação, sobretudo as norte-americanas.

Como relata Koshiyama (1982), começavam a ser aceitas as ideias pedagógicas de estudiosos norte-americanos ao lado de autores europeus:

Dewey, Kilpatrick eram lidos e suas sugestões executadas nas reformulações feitas no sistema educacional por Anísio Teixeira, na Bahia, em 1924. Mas, continuava-se a editar e eram lidos: Pieron, Claparede, Durkheim, Binet e Simon, traduzidos em 1927 e 1929, publicados na *Biblioteca da Educação* da Cia. Melhoramentos de São Paulo, sob a direção de Lourenço Filho, Decroly e outros autores da educação ativa apareceram na *Coleção pedagógica*, da Editora F. Briguier & Cia, dirigida por Paulo Maranhão, em 1929 (KOSHIYAMA, 1982, p. 80).

Foi nesse contexto que Monteiro Lobato tratou de cultivar o leitor infantil, introduzindo a literatura nas escolas primárias. Nas narrativas de Lobato, especialmente na série de aventuras no *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, não falta a preocupação de informar e educar. É possível constatar essa preocupação nos conteúdos explorados pelo autor em suas obras infantis, como em *Geografia de Dona Benta*, no qual ocorre (como o próprio título denota) a exploração dos conteúdos da geografia por uma aventura vivida pelos personagens do Sítio em um navio chamado “O terror dos Mares”. Isso explica as afirmações Lajolo (2000, p. 60) de que a produção literária infantil de Monteiro Lobato se constituiu em um “projeto literário e pedagógico”.

Esse aspecto da produção literária de Monteiro Lobato tem originado uma expressiva produção científica relacionando-a à educação. Entretanto, esses estudos ainda não esgotam, tamanha a riqueza de sua produção. Muitos questionamentos advêm mormente, da leitura de suas obras originais, mas também de seus intérpretes. Todavia, estabelecemos como tema/eixo central de nosso estudo a literatura infantil de Monteiro Lobato e a concepção pedagógica subjacente aos seus escritos. Questionamos se o ideário pedagógico escolanovista, que se incorporava no pensamento educacional brasileiro do período, e era a bandeira de importantes intelectuais como Anísio Teixeira (1900-1971) e Fernando de Azevedo (1894-1974), se fazia presente nos escritos infantis de Lobato, particularmente, nas ações de cunho educativo de “Dona Benta”.

Para tanto, tomaremos os livros *Histórias do mundo para as crianças*, publicado em 1933, *Geografia da Dona Benta*, de 1935, e *Serões de Dona Benta*, de 1937, livros

estes que compõem a obra literária infantil do autor como apontado inicialmente. Estes livros de referência estão presentes na Coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo* que foi escrita pelo autor no período de 1921 a 1947. A partir da obra, serão analisados os aspectos sociais, econômicos e políticos subjacentes a ela, traçando um panorama da época.

Os livros selecionados da Coleção destacam a figura de Dona Benta como protagonista. No contexto destes livros que tomamos como referência, os personagens Emília, Tia Anastácia, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, figuram a narrativa do texto. Dona Benta, a “[...] avó dos meninos, contadora de histórias que aceita a imaginação das crianças e admite as novidades que mudam o mundo”<sup>3</sup>, nos parece ser uma personagem que possibilita refletir sobre a concepção pedagógica de Monteiro Lobato, por realizar ações de cunho educativo.

Considerando que, nas últimas décadas, a produção científica brasileira sobre Monteiro Lobato tornou-se expressiva, utilizamos fontes secundárias, tais como manuais, artigos, livros, ensaios, teses e dissertações, que nos ajudaram na compreensão dos propósitos da pesquisa. Deste modo, constituíram-se em fontes de estudos e pesquisas para entender o momento histórico e o pensamento educacional vigente. Utilizamos, ainda, outros instrumentos e referenciais que se fizerem necessários para a investigação.

Portanto, para conhecer a vida e obra e o possível pensamento pedagógico de Monteiro Lobato, utilizamos, fundamentalmente, os livros *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida* (2000), de Marisa Lajolo, *O ficcionista Monteiro Lobato* (1996), de Alaor Barbosa e *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (1997) de Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sacchetta. Para compreender e caracterizar o ideário escolanovista, utilizamos o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), *Educação Não é Privilégio* (1994), de Anísio Teixeira, e *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1961), de Lourenço Filho.

O trabalho é desenvolvido a partir de análise bibliográfica, tomando como referência fontes primárias e secundárias. A análise é, fundamentalmente, da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, evidenciando os aspectos sócioeconômicos, políticos e culturais subjacentes à produção. Tomamos, em particular, os livros *Histórias do mundo para as crianças*, *Geografia da Dona Benta* e *Serões da Dona Benta*, por entendermos que

---

<sup>3</sup> Esta citação foi retirada de uma nota intitulada: *O autor e sua obra*, de cunho biográfico, presente nas páginas finais de cada livro que compõe a Coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, publicada pela Editora Círculo do Livro, em 1986.

favorece a identificação das ações educativas de Dona Benta. Para isso, buscamos extrair as ações que apresentam uma regularidade no decorrer dos três livros.

Iniciamos o trabalho fazendo um relato dos principais acontecimentos da vida de Monteiro Lobato, destacando o momento em que ele iniciou sua produção literária infantil. Em seguida, explicitamos a análise referente às três obras selecionadas para esse trabalho com ênfase nas ações de cunho educativo da personagem Dona Benta. O último tópico trará informações sobre o ideário implantado no Brasil na década de 1920 e 1930 para a reconstrução do país e uma possível relação desse ideário com as ações de Dona Benta, buscando mostrar a possibilidade de Monteiro Lobato seguir esse ideário.

## 2 MONTEIRO LOBATO: SEU TEMPO E SUAS OBRAS

Explicitaremos nesse tópico alguns dos principais momentos da vida do autor Monteiro Lobato. Por meio desta retomada histórica, buscamos desenhar os caminhos percorridos por ele até o momento em que inicia sua produção literária infantil. Diante de tantos acontecimentos e transformações que permearam a vida do autor, optamos por decompor esta breve biografia em quatro grandes temporadas, de modo que a finalização de uma representa o início de outra completamente diferente da anterior, com alterações significativas que modificaram o caminho do autor. Isso nos faz compreender seus diversos rumos, cujo objetivo é único: “[...] mudar o Brasil e levá-lo a absorver a riqueza que a sociedade moderna produziu.” (MACHADO, 1993, p. 8).

Literário infantil, pintor frustrado<sup>4</sup>, editor e empresário, jornalista engajado nas causas sociais, econômicas e políticas de sua época, são expressões que resumem minimamente a intensa e ativa vida de Monteiro Lobato. Iniciamos a retomada histórica demarcando a primeira temporada, partindo do nascimento do autor até o seu retorno a Taubaté em 1904, após o término de sua faculdade de Direito, em São Paulo. José Renato Monteiro Lobato<sup>5</sup> nasceu no dia 18 de abril de 1882, em Taubaté, município localizado no interior do Estado de São Paulo, na região do Vale da Paraíba, tendo sido criado na zona rural. Seu avô materno, José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, era fazendeiro cafeicultor, empresário e político influente, dono de uma chácara, na qual Lobato vivenciou brincadeiras, pescarias, banhos de cachoeira, tiros de espingardinha e passeios a cavalo e visitava assiduamente a biblioteca de seu avô, que o fascinava. Era um garoto de classe alta da época do final do Império brasileiro (LAJOLO, 2000).

Aprendeu a ler, escrever e contar com sua mãe. Posteriormente, Joviano Barbosa foi seu professor particular. Em 1889, ano da Proclamação da República no Brasil, foi o ano de ingresso do garoto ao seu primeiro colégio. Durante a sua vida escolar, frequentou

---

<sup>4</sup> Um dos grandes sonhos de Monteiro Lobato era cursar Belas-Artes, mas seu avô lhe impôs seguir a carreira de advogado. Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997, p. 30) mostram que “Tornar-se pintor seria talvez o único sonho descartado em toda sua vida”. Porém, durante toda sua vida, pintou aquarelas e desenhou caricaturas.

<sup>5</sup> Ainda em sua infância, José Renato era encantado pela bengala de seu pai, mas as iniciais do nome dele que nela estavam gravadas em ouro, o impediam de possuí-la. As bengalas, naquela época, eram acessórios indispensáveis para complementar a beleza e a elegância dos homens. Para solucionar esse problema de ter o nome diferente das iniciais da bengala, o garoto, de apenas onze anos, decide mudar seu nome para José Bento Monteiro Lobato, e este terá até o fim.

quatro colégios particulares da região (LAJOLO, 2000). Em 1895, partiu para a grande capital São Paulo na tentativa de admissão no Instituto Ciências e Letras, curso preparatório para ingresso ao ensino superior. Reprovou na primeira tentativa em Português e foi obrigado a voltar a Taubaté para estudar. Logo demonstrou sua vocação como escritor, pois escrevia crônicas, poemas, contos e até desenhava para o jornalzinho colegial chamado “O Guarany”. Fazia críticas em forma de crônicas aos acontecimentos da escola no jornal e assinava como Josbem e Nhô Dito (LAJOLO, 2000).

Em uma segunda tentativa de admissão, passou tranquilamente por todas as fases e matriculou-se no Instituto de Ciências e Letras (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997). Em São Paulo, quando estava fora do Instituto, explorava as ruas da capital paulista, fazia colaborações em muitos jornais estudantis e sempre participava de torneios de oratória.

Nos dois últimos anos do século XIX, ele ficou órfão e o Visconde de Tremembé responsabilizou-se pela tutela do garoto de 16 anos e de suas irmãs. Seu grande sonho era cursar Belas-Artes, mas o avô impôs que Monteiro Lobato se matriculasse na Faculdade de Direito, como era tradição naquele momento. O único sonho de Lobato descartado foi, sem dúvida, o de tornar-se pintor. Os autores de *Monteiro Lobato – Furacão da Botocúndia* explicam que

No país dos bacharéis – como alguns definiam o Brasil daquele período – um diploma de médico, engenheiro ou advogado significava garantia às esferas institucionais da República. Obter o título de “doutor” tornava-se condição *sine qua non* para os rapazes bem nascidos – mesmo para os que não pretendessem exercer a profissão (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 27).

Em obediência à ordem de seu avô, na virada do século Lobato partiu para a Faculdade de Direito no Largo de São Francisco a fim de tornar-se doutor. O estudo das leis era entediante e Lobato os encarava com desinteresse. A vocação pela literatura e pintura ainda perturbavam o rapaz de dezoito anos. Durante as aulas, preenchia o tempo desenhando a caricatura de seus professores (LAJOLO, 2000). Os únicos professores que, para Lobato, mereciam mérito eram Almeida Nogueira, que lhe despertou algum interesse pela Economia e Pedro Lessa, professor de Filosofia do Direito (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997).



Lessa era “defensor da liberdade de pensamento e expressão como indispensável a dignidade humana [...]” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.31) e “[...] representa na trajetória de Lobato uma influência fecunda e marcante. Os ideais de justiça, que pregava intransigentemente, calaram fundo no jovem que já sonhava com a utopia, e podem ser divisados ao longo de toda a obra lobatiana.” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.31).

No período que cursava Direito, Lobato fez colaborações literárias ao Jornal Onze de Agosto e a Arcádia Acadêmica, jornal estudantil dos alunos do segundo ano de Direito, que até tornou-se presidente em 1901 (LAJOLO, 2000). Podemos resumir a história da vida acadêmica do jovem em artigos estudantis, poucos discursos, muitas caricaturas e o Cenáculo<sup>6</sup>.

Após sua formatura, o “Doutor” Monteiro Lobato retornou à cidade de Taubaté e foi recebido por uma grande festa (o que não muito lhe agrada), pois além de há pouco ter se formado em Direito, era neto de um Visconde. Sentia-se entediado e ocioso vivendo na pequena cidade e se recordava constantemente do movimento frenético de São Paulo, onde viveu cerca de dez anos, e do convívio com os amigos (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997).

Buscou se refugiar do tédio em leituras, na produção de artigos que enviava a jornais e em pequenas viagens a São Paulo para rever os amigos. Além disso, trocava cartas com seu amigo do Cenáculo, Godofredo Rangel que, da mesma forma, voltara a sua cidade natal após pegar o canudo de bacharel em Direito, e nessas cartas, contava detalhes de sua vida em Taubaté (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997).

Em 1906, Lobato ficou noivo de Maria da Pureza ou Purezinha, como ele carinhosamente a chamava, e, pensando em casar-se, buscou maneiras para sustentar sua

---

<sup>6</sup> O Cenáculo foi a união de oito amigos “[...] cuja vida cotidiana era temperada com fortes doses de literatura” (LAJOLO, 2000, p. 16). Esse grupo marcou a vida do autor Monteiro Lobato por toda a sua vida, pois aproximava o futuro doutor do lado poético e literário que tanto estimava e de seu espírito utópico e revolucionário. Nem todos os integrantes estudavam Direito. Entre eles encontrávamos doutores, filósofos, jornalistas, poetas. Foi nas mesas do Café Guarany que Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo Neto, Godofredo Rangel, Cândido Negreiros, José Antônio Nogueira, Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves reuniam-se diariamente às sete horas para beber, conversar e fazer literatura. Ao saírem das reuniões, Rangel, Ricardo e Monteiro partiam para a república estudantil *O Minarete*, local onde moravam. Por minarete entendemos a torre utilizada pelos Islâmicos para anunciar às cinco chamadas diárias de oração. O fato de que a república localizava-se em um lugar alto e seus habitantes transbordarem arte e literatura, fez com que Monteiro Lobato batizasse a casa de Minarete. Nas paredes da república, várias expressões escritas em carvão, entre elas “Aqui só se come pão do espírito” e “As visitas dos profanos só poderão durar dez minutos”, que mostram o amor pela arte, pela literatura e pela revolução (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997)

futura família. Almejava um cargo público em Ribeirão Preto, cidade do Oeste paulista, pois para lá fez uma viagem e ficara impressionado com o desenvolvimento que o Café trouxera à cidade. Além disso, era bacharel em Direito e era neto de um Visconde politicamente influente (LAJOLO, 2000). Mas o cargo do avô de nada influenciou a carreira de Lobato, que só pleiteou a promotoria efetiva da Comarca de Areias (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997), cidade considerada por ele sem atrativos, mas que nela casou-se em 1908 e que permaneceu até 1911 (LAJOLO, 2000).

Neste momento, Lobato começou a preocupar-se com as questões financeiras. Porém, com tempo no trabalho sobrando devido à monotonia da promotoria e a falta dinheiro, Monteiro fez contribuições a jornais, traduziu artigos do *Weekly Times*, de Londres, para o jornal *O Estado de São Paulo*, escreveu para *A Tribuna de Santos* e remeteu caricaturas para a revista *Fon-Fon!* do Rio de Janeiro (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997). Neste período, com seu amigo Rangel, Lobato rascunhava projetos literários em comum que eram corrigidos e criticados pelo seu amigo antes da publicação. Mesmo casado e com dois filhos (Edgard e Martha), o promotor doutor até o momento não se acostumou com a vida acomodada das pequenas cidades do interior e seguia buscando outras maneiras de fugir daquela tranquilidade interiorana (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997).

Porém, a mudança de vida tão almejada aconteceu subitamente. Inicia-se aqui, a segunda temporada da vida de Lobato que parte da morte de seu avô, em 1911, até a sua transferência à capital paulista. Monteiro Lobato herdou as terras do avô e outras tantas de seu pai, juntando mais de dois mil alqueires de terra (LAJOLO, 2000). Essa herança transformou Monteiro Lobato em grande proprietário rural, e para suas terras se mudou com toda a sua família. A vontade de ser fazendeiro já era evidente, pois comentou com Rangel sobre o sonho de tornar-se fazendeiro (LOBATO, 1964).

O principal objetivo de Lobato, no que dizia respeito a suas terras, era torná-las rentáveis por meio de projetos atrevidos, como a modernização da agricultura, a importação de cabras, galinhas e porcos, a plantação de café, milho e feijão, e até o cruzamento para melhorar a criação. Com o passar do tempo, os seus projetos audaciosos começam a enfraquecer devido a inúmeros fatores políticos e econômicos, dentre eles a Guerra Mundial de 1914, acompanhada por ele pelos jornais que assinava.

Os afazeres e obrigações que suas terras lhe exigiam fizeram com que Monteiro Lobato perdesse tempo para suas correspondências com Rangel e para a literatura. Porém,

Lobato produzia literatura no meio rural em que passara a viver e seu tema futuro seria a figura do caipira, do caboclo, do homem da roça, sobretudo após desentender-se com seu administrador e se enfurecer com o hábito econômico e ecologicamente inconveniente dos caboclos de desrespeitarem a terra e as florestas, tocando-lhes fogo.

A esse respeito, publica em 12 de novembro de 1914 um protesto ao jornal *O Estado de São Paulo* intitulado *Velha Praga* (1914), protesto este que ganha enorme repercussão e torna Monteiro Lobato famoso. Neste protesto, Monteiro Lobato faz crítica aos hábitos nocivos à terra e à produção, mas, especialmente, denuncia “[...] a incapacidade do governo e da grande propriedade agrícola em adotar uma postura mais moderna e economicamente consequente [...]” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.58), que garantisse a produtividade sem danificar a terra. Essas críticas e denúncias nos fazem perceber que Monteiro Lobato era um crítico social e se preocupava grandemente com o acaso em que o país entrara.

No artigo *Velha praga*, encontramos a principal criação ou a personagem-símbolo da obra lobateana, o Jeca Tatu, que reaparece em outro artigo de mesma repercussão chamado *Urupês* (1914), termo que sua mãe, Dona Olímpia, dava a cogumelos parasitas que nasciam em madeira podre. Essas obras vão contra as idealizações da minoria (caipiras, índios, negros) tão incidentes na literatura romântica e disseminadas por vários autores, dentre eles, José de Alencar e Fagundes Varela.

A personagem Jeca Tatu foi, deste modo, a representação literária dos caboclos e caipiras que trabalhavam nas fazendas de Lobato. Nesta primeira versão da personagem, o autor os descreve como seres que resistiam a qualquer mudança e que até mesmo seus movimentos corporais e a postura de cócoras mostravam sua resignação e submissão; não falavam, não cantavam, não riam; suas casas eram simples devido a sua preguiça e, sendo assim, sua rotina era insossa. Mas para frente, em uma carta a seu amigo de correspondências, ele admite que se não lhe tivesse caído um pedaço de terra na mão estaria, até então, com a visão romântica dos trabalhadores rurais (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.58).

Enorme foi a repercussão da personagem que tornou Monteiro Lobato famoso e cada vez mais requisitado para escrever artigos, para colaborar com revistas e jornais e inúmeras foram as críticas positivas e negativas à personagem de Monteiro Lobato. Posteriormente, em 1918, publicou o livro *Urupês* (2010). Com a crise cafeeira, Monteiro Lobato vendeu sua propriedade e transferiu-se para São Paulo (LAJOLO, 2000).

Esta cidade é o novo cenário que dá início à terceira temporada da vida do autor. Ele comprou a Revista do Brasil<sup>7</sup> e continuou a colaborar com artigos e textos para *O Estado de São Paulo*. Nesse jornal esclareceu suas ideias nacionalistas, patrióticas e de resgate da cultura nacional própria (que segundo ele estava impregnado do modelo europeu), com artigos que muito se aproximavam da realidade do país e que expressavam exatamente o que pensava (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.58).

A vida do empresário Monteiro Lobato estava em ascensão quando ouviu de Hilário Tácito a aventura de um peixe que morreu afogado, pois desaprendeu a nadar. Este momento foi determinante para iniciar a participação de Lobato no mundo das histórias infantis. “A história do peixe que morreu afogado” foi um pequeno conto, mais tarde desenvolvido, reestruturado e lançado em 1921 como *A menina do nariz arrebitado*. Suas personagens com dimensões fantásticas são as que até hoje imprimem a face de Monteiro Lobato: Dona Benta, que “[...] desempenha o papel de professora [...]” (LAJOLO, 2000, p. 61), Narizinho e Emília, Tia Nastácia, Pedrinho e Visconde de Sabugosa, compõem os participantes do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. O poder do faz-de-conta garante o sucesso desta nova fase de Lobato com o gênero infantil.

Lobato estava instigado pelo interesse em produzir obras puramente infantis impregnadas de conteúdos interessantes com linguagem para crianças. Lajolo (2000, p. 61) afirma que, “particularmente nas obras produzidas dos anos 30, o Sítio se transforma numa grande escola, onde os leitores aprendem desde a gramática e aritmética até geologia e bê-á-bá de uma política nacionalista de petróleo.” Neste sentido, mandou distribuir, gratuitamente, quinhentos exemplares do livro, agora sob o título de *Narizinho Arrebitado*, e confirmou, assim, a importância da escola para a difusão da leitura. Washington Luís, presidente do Brasil, ao ver livros surrados de tanto uso pelas crianças, fez uma compra grande para as escolas paulistas (LAJOLO, 2000).

Em Nova York, abriu-se a última transformação decisiva para Monteiro Lobato. A quarta temporada parte da sua instalação nos Estados Unidos até seus últimos dias de vida no prédio comercial da Editora Brasiliense. Na cidade norte-americana, Lobato se encantou com os costumes, com a riqueza, com as belas construções, com o número de

---

<sup>7</sup> Lobato compra a revista do Brasil e lança a sua marca *Monteiro Lobato*. Em 1920, associou-se com Octalles Marcondes e transformou-se em editor-escritor. Na década de 1920 publicou alguns livros abordando os problemas de saneamento do Brasil e do folclore nacional (*O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*). Em 1927, foi trabalhar nos Estados Unidos como Adido Comercial. Quando retornou a pátria, envolveu-se na campanha para a exploração do petróleo nacional e na produção do ferro.

universidades e, especialmente, pela “[...] base econômica do país que assentava-se na existência de grandes quantidades de ferro e petróleo [...]” (MACHADO, 1993, p.74). Machado (1993) apresenta, ainda, que, no livro infanto-juvenil *Geografia de Dona Benta* (1935) de Monteiro Lobato, o autor desloca suas personagens para os Estados Unidos. Narrado por Dona Benta, Lobato materializava suas admirações pelo país por meio da história infantil e descreve os costumes norte-americanos às crianças do Brasil.

Durante treze anos permaneceu se dedicando à saga do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* paralelo a suas antigas lutas para produzir o ferro, extrair o petróleo e levar o país ao progresso e à modernidade. Em 1948, sofreu seu primeiro espasmo vascular e morreu em seu apartamento na editora, virando “gás inteligente”, como costumava traduzir a morte (BARBOSA, 1996).

### 3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: PEDAGOGIA DE DONA BENTA

Neste tópico do trabalho, elencamos e analisamos as principais ações de cunho pedagógico da personagem Dona Benta, por entendermos que, por meio de suas práticas e da contação de histórias às crianças, ela possa transparecer o ideário pedagógico presente nos escritos de Monteiro Lobato nas décadas em que *História do mundo para as crianças*, *Geografia de Dona Benta* e *Serões de Dona Benta* foram escritos e publicados no Brasil. A análise foi realizada a partir da leitura detalhada das obras, buscando identificar as ações que se repetem e que são mais utilizadas por Dona Benta na contação de histórias.

Dona Benta tinha papel importante em seu sítio, pois era a principal transmissora dos conhecimentos e aceitava as ideias fantásticas dos seus netos no sítio.

Caracterizando os dois principais adultos de sua história – Dona Benta e Tia Nastácia – como fontes do saber erudito e popular, ele quebra a hierarquia que separa a criança da gente grande e subverte as relações entre ambos. A autoridade da avó nasce de sua sabedoria e experiência e não do exercício do poder. Ela está ali para acolher afetivamente os menores com atenção e carinho. Sua disponibilidade em ouvi-los, responder as infindáveis perguntas sem censura ou má-vontade não encontra paralelo na vivência real, ampliando extraordinariamente o campo de possibilidades para o aprendizado, que se transformava numa atividade lúdica e divertida (AZEVEDO; CAMARGOS; SACHETTA, 1997, p.317).

A literatura infantil brasileira foi inaugurada com o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Lobato estava insatisfeito com as traduções de livros europeus para crianças, e por isso criou aventuras com personagens bem brasileiras, recuperando costumes da roça, onde passou sua infância, e lendas do folclore nacional (MACHADO, 1993). Lajolo (2000, p. 60) destaca a preocupação de Lobato em publicar livros com uma linguagem especialmente destinada a crianças.

O surgimento de livros para crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. Em resumo, um público específico, que precisa de uma literatura diferente da destinada aos adultos.

Todas as vezes que Tia Nastácia gritava “É hora!”, Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa e certas vezes até Rabicó e Quindim, dirigiam-se à sala da casa de Dona Benta para ouvir as mais incríveis curiosidades sobre o mundo. Narizinho pedia à avó: “— Leia da sua moda, vovó!” (LOBATO, 1986c, p. 194), pois, com a moda de Dona Benta, todos entendiam. No livro *Reinações de Narizinho*, Lobato explica que:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo da onça ou só usados em Portugal, a boa velha ia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. Como naquele dia os personagens eram da Itália, Dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio em procura de frangos; e para Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como o boneco devia falar (LOBATO, 1986c, p. 194).

A partir dessa exposição, podemos considerar que Dona Benta tinha uma forma particular de ler as histórias, que era chamada pelos meninos de à “moda” da Dona Benta. Esta forma era atrativa para as crianças, porque ela traduzia, como Lobato enfatizou, de uma linguagem do passado, usada em Portugal, para uma linguagem mais atual, própria do Brasil. Além de prender a atenção daqueles que estavam ouvindo, estes compreendiam melhor o significado do texto. Ela é uma “contadora de histórias” e, como tal, utiliza da uma forma característica de leitura que chama a atenção das crianças, ao mesmo tempo que garante o entendimento do conteúdo que estava sendo abordado.

A leitura, particularmente à moda de Dona Benta, se constituía em uma ação pedagógica de importância, já que, em muitos momentos nos livros, foi possível apreender que o autor recorria, frequentemente, a esse recurso, tanto pela leitura da própria Dona Benta, quanto pela utilização da leitura como instrumento de ensino e imprescindível para o aprender. Em suas ações pedagógicas, a leitura se revestia de grande importância e foi valorizada por Monteiro Lobato. Dona Benta demonstra em vários momentos que a leitura (não somente a que ela realizava) era de extrema importância para a construção do conhecimento dos alunos. Isso aparece claramente quando ela, no momento em que explicava algum conteúdo, dava o exemplo de outro livro que garantiria uma melhor compreensão de algum conteúdo, como “*Os sertões* do genial Euclides da Cunha” (LOBATO, 1986a, p. 72), que conta a história da Guerra de Canudos. Dona Benta destaca

que “Um dia havemos de ler essa obra prima” (LOBATO, 1986a, p. 72), enfatizando a importância da leitura para o entendimento da questão que ela estava tratando. Outro exemplo está no livro *História do mundo para as crianças*:

A história minuciosa da guerra entre gregos e troianos encontra-se em dois poemas de grande fama. Um deles chama-se *Ilíada*, nome que vê do segundo nome de Tróia, *Ilion*. O outro chama-se *Odisséia*. Neste conta-se o que, depois de terminada a guerra, se passou com um dos heróis gregos, Ulisses ou Odisséia. Sabem qual foi o poeta que compôs estes poemas?  
 — Camões! — gritou a burrinha da Emília.  
 — Homero — ensinou Dona Benta (LOBATO, 1986b, p. 41).

Em outro momento, Dona Benta declara a Pedrinho a importância da leitura para conhecer mais informações sobre o mundo.

— Sinto uma comichão no cérebro — disse Pedrinho. — Quero saber coisas. Quero *saber* tudo quanto há no mundo...  
 — Muito fácil, meu filho — respondeu Dona Benta. — A ciência está nos livros. Basta que leia (LOBATO, 1986d, p. 9).

Neste sentido, Dona Benta mostra que, muito mais importante do que escutar a leitura e a explicação de outras pessoas, é o próprio interesse em ler, pesquisar e buscar nos livros suas curiosidades particulares e a explicação para os acontecimentos da vida que permite a aquisição de conhecimento. Sendo assim, atribui à leitura o papel primordial de construção do conhecimento. Uma das principais ações pedagógicas de Dona Benta e, portanto, considerada importante para Lobato, foi conferir a leitura um papel de destaque.

Dona Benta estava sempre com livros à mão, pois fazia muita leitura<sup>8</sup>. Ela possuía em sua casa uma vasta coleção de livros e “[...] ainda recebia, dum livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento” (LOBATO, 1986b, p. 5). O livro *Child’s history of the world* (História do mundo para as crianças) foi um desses livros que chegou à porta do Sítio pelos correios. Como a avó dominava a língua inglesa, logo se interessou pelo livro e pôs-se a lê-lo.

---

<sup>8</sup> Em *Memórias de Emília* (1936), a boneca de pano fala “Tenho de dizer umas palavras sobre essa senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas, a diaba! De tanto ler aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência” (LOBATO, 1986e, p. 110). A fala de Emília ainda mais nos esclarece que Dona Benta era muito culta e que tinha uma forma especial de ensinar.



Para ler uma obra em inglês era necessário que ela dominasse essa língua. Então, podemos inferir que Dona Benta tinha o domínio da língua inglesa e, essa ocorrência nos indica que ela era letrada e tinha uma formação rica. Além da língua inglesa, Dona Benta conhecia e mencionava outras línguas, como mostra na passagem em que destacou que o nome do imperador romano Augusto foi introduzido no calendário “[...] para designar o mês que ainda hoje nós chamamos agosto, que os ingleses chamam August; os franceses, Août; os espanhóis, Agosto; os italianos, Agosto, e os alemães, August – tudo formas do nome de Augusto” (LOBATO, 1986b, p. 115).

Ao finalizar a leitura do livro, Dona Benta o considerou muito interessante, concluindo que “Meninos assim da idade de Pedrinho e Narizinho estou certa de que hão de gostar e aproveitar bastante” (LOBATO, 1986b, p. 5). Nesta afirmação, a avó demonstra preocupação em selecionar um livro que se enquadre à idade dos meninos, mas, sobretudo, um que atinja o interesse das crianças. Pode-se notar que o interesse e a atração dos meninos por determinado assunto é um elemento muito considerado para Dona Benta e é um dos principais pontos para a escolha de um conteúdo.

Para melhor nos aprofundarmos nesta preocupação de Dona Benta com o interesse da criança, tomamos o livro *Geografia de Dona Benta*. A avó inicia no Sítio as explicações sobre a geografia após um pedido de seu neto.

Depois que Dona Benta concluiu a história do mundo contada à moda dela, os meninos pediram mais.  
 — Mais, quê? — perguntou a boa avó. — Poderei contar muitas histórias assim — história da física, história da química, história da geologia, história da geografia...  
 — Conte histórias da geografia — pediu Pedrinho, que andava sonhando com viagens pelos países estrangeiros.  
 E Dona Benta *contou* a geografia (LOBATO, 1986a, p. 7).

O fato de Pedrinho ter sonhado com países estrangeiros e ter despertado uma curiosidade sobre esse assunto fez com que o garoto pedisse à avó que contasse histórias da geografia. Diante do interesse do neto, Dona Benta iniciou a contação de história e nela podemos ressaltar que o interesse das crianças é o grande condutor do caminho em que a explicação percorre. Um exemplo disso são as perguntas feitas por elas no decorrer da explicação. Algumas delas tem estreita relação com o conteúdo abordado:

— E hoje, vovó, ainda há jogos olímpicos?

— Estes jogos estiveram interrompidos por muitos e muitos séculos, mas há poucos anos atrás, em 1896, começaram, já não em Olímpia, sim em Atenas. Depois ficou assentado que seria casa vez num país diferente, podendo tomar parte neles os atletas de todas as nações do mundo.

— E antigamente quem era que venciam mais jogos, vovó?

— Ah, eram os espartanos! Nesse ponto a vitória de Licurgo fora completa. Os atletas de Esparta faziam verdadeiras coleções de coroas de louro (LOBATO, 1986b, p. 52).

Outras, contudo, desviam totalmente o conteúdo para um novo enfoque:

Uma destas colônias ficou importantíssima e teve seu papel na história da humanidade. Chamava-se Cartago.

— Antes de falar em Cartago, vovó, fale dessa Esparta, para onde os gregos da Guerra de Tróia levaram a Helena fujona. Que era Esparta?

— Era uma cidade da Grécia de costumes bastante especiais. Escutem (LOBATO, 1986, p. 47).

Mesmo quando a pergunta não tenha estreita relação com o conteúdo, Dona Benta a priorizava e a esclarecia imediatamente. Narizinho, em muitos pontos, demonstrava seus interesses à avó, que a atendia e trocava o rumo da conversa. Quando conversavam sobre as guerras, a avó atende ao pedido da garota que gostaria de trocar o assunto, pois aquele não lhe agradava:

— Chega, vovó! — pediu Narizinho, com cara de asco. — Não fale mais em semelhante criatura. Fale de outra rainha.

— Sim, minha filha. Não falarei mais dela, nem do Tribunal da Santa Inquisição, a coisa mais horrorosa que houve no mundo (LOBATO, 1986b, p. 231).

Como ocorreu em muitos momentos em que Dona Benta se dedicava a ensinar as pessoas do Sítio, ela tinha como premissa o interesse dos ouvintes e essa é uma das principais ações de cunho educativo de Dona Benta. A senhora demonstram-se aberta a todas as informações, todas as perguntas, contribuições e a imaginação das crianças. Essa imaginação está sempre cercando as redondezas do Sítio e de seus personagens em cada volume da coleção *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Seja no livro *Reinações de Narizinho* com o Reino das Águas Claras e a visita dos mais ilustres personagens dos contos de fadas, seja na utilização do pó de *pirlimpimpim*, que os transportam para outros lugares, ou no simples fato de morar com uma boneca de pano falante e um sabugo de milho sábio, observamos o

quanto Dona Benta aceita as façanhas e o interesse das crianças e as incrementa nas contações de histórias.

No livro *Geografia de Dona Benta*, a imaginação é utilizada como fio condutor para apresentar um conteúdo. Quando Dona Benta optou por atender ao pedido de Pedrinho e iniciar as explicações sobre as histórias da Geografia, Emília logo lhe sugeriu uma ideia para tornar o estudo da Geografia “Muito mais interessante” (LOBATO, 1986a, 33). Assim, a boneca toma a palavra e sugere:

— Vamos estudar geografia de outro jeito — propôs. — Tomamos um navio e saímos pelo mundo afora vendo o que há. Muito mais interessante.

— Mas onde está o navio, boba? — indagou Narizinho.

— Um navio faz-de-conta.

Acho ótima a lembrança, Emília — disse Dona Benta. E eu sigo no comando desse navio. Que nome vai ter?

—O *Terror dos Mares!* — gritou a boneca. — Levamos toda gente de casa, Tia Nastácia, Quindim, o Visconde — todos, menos Rabicó (LOBATO, 1986a, p. 33).

Assim, subindo a bordo de “O Terror dos Mares”, a tripulação do Sítio viajou todo o mundo, fazendo incríveis paradas e vivendo a Geografia. Viver a Geografia só foi possível graças à viagem de faz-de-conta que Emília propôs e Dona Benta empregou como recurso para melhorar a forma de se contar essa história. Então, a utilização da imaginação sugere uma forma de estudo que não a tradicional. A imaginação foi atribuída como recurso para aproximar as crianças da realidade e ter experiências reais com a Geografia.

Afirmar que a imaginação aproxima a criança da realidade nos parece um tanto contraditória, pois quando imaginamos, saímos da realidade. No entanto, podemos afirmar que Monteiro Lobato propôs uma viagem de “faz-se conta”, mas ela, em todo o livro, foi apresentada como uma viagem real. Em uma passagem pela Bahia, todos os integrantes da Tripulação “[...] foram ver a cidade” (LOBATO, 1986a, p.66). Tia Nastácia, em especial, “[...] tinha se aproveitado da passagem pela Bahia para comprar garrafas de azeite-de-dendê, que as cozinheiras de lá usam para tempero” (LOBATO, 1986a, p.66).

Em outro momento, chegaram a Nova York e “[...] de tudo arrumado a bordo, desceram. Entretanto, mal puseram o pé na rua, já o povo começou a juntar-se e a abrir a boca” (LOBATO, 1986a, p. 109). Todos mascaram *chewing gum* para parecerem mais americanos. Um *manager* (gerente) contratou Quindim para exposições em Hollywood, que

renderam a Dona Benta 20 mil dólares. Diante de tantas experiências reais e materiais, podemos afirmar que a viagem de navio foi muito próxima ao real e que ela foi utilizada por Monteiro Lobato como recurso para aproximar as crianças de experiência concretas, mesmo que pela imaginação.

Novamente a bordo do navio, Emília dá outra sugestão que nos permite visualizar a vivência de outra experiência real, porém agora na disciplina de história:

— Vamos aproveitar a oportunidade e repetir a cena do descobrimento — propôs Emília. — O *Terror dos Mares* afasta-se para alto-mar e vem vindo, e vê de repente aves marinhas e ramos de árvores flutuantes, etc. Gostando da idéia, Dona Benta deu ordem ao Imediato para que afastasse o brigue até perder-se de vista a costa (LOBATO, 1986a, p. 63).

Vale destacar que a aceitação da imaginação das crianças, a priorização pelos seus interesses e a utilização de uma linguagem atualizada que permita a compreensão dos conteúdos pela criança, constituem recursos importantes utilizados por Dona Benta para atrair a atenção das crianças. Permitir que elas participem, perguntem, imaginem e entendam o conteúdo são formas de desviar a atenção das crianças de qualquer outra atividade que seria mais divertida ou interessante, para se concentrarem na explicação dos conteúdo que são vistos por elas como atividades tão interessantes como chupar jabuticaba ou jogar bola.

Ao utilizar esses exemplos, podemos destacar que as crianças possuem uma característica muito peculiar. Pedrinho e Narizinho mostram-se sempre muito atentos e participativos. Durante a contação de histórias da avó, estavam sempre com caderno e lápis em punho e quando considerava interessante alguma curiosidade trazida por ela, Pedrinho logo dizia: “Vou já tomar nota disso no meu caderno” (LOBATO, 1986b, p. 218). Narizinho fazia anotações das informações levantadas pela avó, especialmente, quando ela falava das capitais dos países. Ao ouvir falar da Bélgica, “[...] anotou em seu caderno mais a capital desse país, *Bruxelas*, com 700.000 habitantes, esplêndida cidade.” (LOBATO, 1986a, p. 247)

Durante a explicação, os netos sempre se envolviam, levantavam informações e contribuições que muito auxiliaram na construção do conteúdo em questão e em sua compreensão. Tais informações por eles levantadas, em muitos momentos estão relacionadas com as vivências ou com a realidade das crianças. Sendo assim, um dos motivos pelo qual Dona Benta opta por estudar temáticas que estão próximos à realidade

da criança é permitir que elas visualizem melhor o assunto e, assim, possam compreender melhor o conteúdo ou, então, dar mais contribuições para a discussão.

Neste sentido, em várias ocasiões Dona Benta exemplifica a temática abordada com situações que as crianças já viveram, pois elas podem, assim, recordar e compreender com mais facilidade o assunto familiar já vivido por elas. Tomamos como exemplo a explicação sobre os povos da Mesopotâmia:

— Todos os povos que viviam na Mesopotâmia eram pertencentes à raça branca e dividiam-se nas três famílias, ou ramos, que deram origem a todos os atuais povos brancos. Havia os indo-europeus, também chamados de arianos. Havia os semitas e havia os hamitas. Essas raças estão hoje muito espalhadas até aqui entre nós. Você, Pedrinho, só porque se chama Pedro já sei que é ariano. O filho do nosso fornecedor de sabonetes e pentes, como se chama Pedrinho?

— Salomão Nagib!

— Bom, pelo nome é um menino pertencente à raça semita. E se ele se chamasse Ramsés, ou Xufu, teria grandes probabilidades de ser um hamita (LOBATO, 1986b, p. 19).

Outro exemplo foi a explicação do termo “É um Demóstenes!”, empregado por Dona Benta para explicar um fato histórico:

— Pois Demóstenes não levou com gato em cima, mas deu com pedrinhas na gagueira e acabou com ela e ficou sendo o mais famoso orador da humanidade. Ainda hoje, quando agente quer dizer que um fulano de tal é grande orador, diz: “É um Demóstenes!” Não se lembram daquela festinha do compadre Teodorico, no casamento da Miloca? Como foi que o Zezinho Xarope começou o seu brinde aos noivos, no jantar?

— Eu me lembro, vovó! – gritou Pedrinho – e até decorei a frase, de tão bonita que a achei. Foi assim: “Neste momento solene, em que ergo minha débil voz para saudar os nubentes, eu queria ter a eloqüência dum Demóstenes para, etc. e tal”. Foi só palmas. Na volta para casa a senhora nos ensinou o que queria dizer nubentes. Recordo-me muito bem.

— Pois é. Demóstenes foi um orador tão famoso que até o Zezinho Xarope se lembra dele, neste fim de mundo onde moramos (LOBATO, 1986b, p. 91).

Ao fazer ligação do conteúdo com os acontecimentos que estão próximos das crianças e que foram vividos por elas, Dona Benta permite uma compreensão mais específica dos fatos reais da vida das crianças. Por isso, as ações educativas de Dona Benta buscam, acima de tudo, aproximar a criança de sua realidade para que ela compreenda os fatos sociais e até os fatos da natureza, como é mostrado em *Serões de Dona Benta*:

Nesse ponto um passarinho cantou no pomar. Pedrinho pôs-se de ouvido alerta.

— Que passarinho será aquele? — murmurou, falando consigo mesmo. E saiu disparado para ver.

— Ora aí está como se forma a ciência — disse a boa senhora. — Se o canto fosse de sabiá, Pedrinho não se incomodaria, porque já conhece o sabiá. Mas como não reconheceu o canto, ficou logo assanhado por saber — e foi correndo ao pomar. A curiosidade diante dum fenômeno que não conhecemos é a mãe da ciência.

Logo depois Pedrinho voltou.

— Era uma saíra das raras — a segunda que vejo por aqui — disse ele, e Dona Benta continuou a desenvolver o seu tema:

— Muito bem; sua curiosidade, Pedrinho, fez que você adquirisse um conhecimento novo. Ficou sabendo que esse canto é *duma saíra rara por aqui*. Para chegar a essa conclusão, você teve de observar o fenômeno — de ir *ver*, porque só com o *ouvido* não podia identificar o passarinho (LOBATO, 1986d, p. 12).

Para explicar a origem das diferentes raças, Dona Benta utilizou o nome de Pedro para classificá-lo como membro da raça ariana e o filho do fornecedor de sabonetes e pentes para classificá-lo como membro da raça semita. Dessa forma, as crianças compreenderam a origem das raças e, assim, podem compreender e explicar essa diferença em sua própria realidade. No outro exemplo, Dona Benta recorre a história para explicar um termo que foi utilizado na cerimônia de casamento. Assim, Dona Benta esclarece as crianças um fato real, vivido por elas, por meio da história e, da mesma forma compreendem melhor a utilização desse termo na história. Por último, para explicar a origem da investigação científica, Dona Benta menciona a busca de Pedrinho por uma resposta diante de um fato cotidiano. Sendo assim, um acontecimento na vida das crianças permitiu que elas compreendessem a investigação histórica e como ela se perpetua.

As experiências científicas que materializavam os conteúdos abordados por Dona Benta merecem destaque, pois elas foram constantemente utilizadas por Monteiro Lobato para ilustrar os conteúdos abordados. Algumas experiências eram feitas com materiais simples, que estavam próximos e fáceis de alcançar:

— Muito bem. E podemos fazer uma experiência que torna isso muito claro. Basta que você tome a sua bola de futebol e se coloque diante do lampião. Sua cabeça ficará sendo a Terra; a bola ficará sendo a Lua; e o lampião, o Sol. Feito isso você dera uma volta completa, sempre segurando a bola na altura do nariz. As fases da Lua ficarão perfeitamente demonstradas nessa experiência.

Foram fazer a experiência na sala de jantar e tudo deu certo (LOBATO, 1986d, p. 171).

A utilização de materiais simples e disponíveis facilmente possibilita aos ouvintes a vivência de um maior número de experiências que os ajuda a compreender melhor os acontecimentos reais. Em outros momentos, contudo, Dona Benta levava seus netos a um antigo quarto de hóspedes que havia transformado em laboratório. Lá haviam equipamentos mais precisos e sofisticados, “[...] uma porção de frascos de drogas, e tubos de vidros, e cubas, e lamparinas de álcool. Um perfeito gabinete científico de amados” (LOBATO, 1986d, p. 22).

Diante disso, entendemos que Dona Benta considerava importante o contato visual, pelo tato e olfato das crianças para que eles se aproximem da realidade e construam seus conhecimentos com base nas experiências por eles vividas. Portanto, a utilização de acontecimentos vividos e experimentados pelas crianças ajuda Dona Benta a construir um conteúdo que as aproxime de explicações para as situações reais. Nesse sentido, os exemplos do cotidiano que estão ligados a realidade das crianças, a busca de resposta para a realidade e a aplicação de experiência que materializem os conteúdos, tornando-os concretos, constituem-se como ações educativas de Dona Benta.

O interesse dos alunos, porém, não é o único elemento que encaminha Dona Benta a novos conteúdos. Alguns novos episódios no Sítio, fatos e acontecimento na vida das crianças e fenômenos são aproveitados por ela para introduzir novos conceitos e conteúdos. Isso evidencia a busca de Dona Benta por explicações e pela aproximação à vida real. Utilizamos como exemplo o dia em que Pedrinho e Emília tentaram mover uma pedra do lugar:

Pedrinho e Emília apareceram.

— Puxa! — exclamou o menino ao entrar. — Nunca pensei que aquela pedra pesasse tanto. Eu e Emília pusemos toda a nossa força e a diaba nem gemeu...

Dona Benta aproveitou-se do tema.

— É por isso que o homem recorreu às forças da natureza e acabou escravizando-as. Viu que só com os seus músculos podia muito pouco. Essa pedra que resistiu à força dos músculos do meu neto e da Emília mover-se-á facilmente por meio duma alavanca (LOBATO, 1986d, p. 63).

Para introduzir um novo conteúdo, Dona Benta se aproveita desse acontecimento na vida dos meninos para mostrá-los que a invenção de alavancas ajuda o homem e facilita sua vida. Dona Benta afirma que a “[...] máquina é o próprio homem, com seus braços, suas pernas e todos os seus sentidos, *aumentando* de eficiência por meio de truques que a inteligência aumentou” (LOBATO, 1986d, p. 87, grifo do autor). Nesse sentido, para a vida real das crianças, conhecer como funciona a alavanca e outros tipos de “máquinas” torna-se essencial para melhorar a sua vida. Temos outro exemplo na explicação sobre o fogo:

O correio trouxe os jornais da véspera. Vinha uma notícia horrível, o desabamento e incêndio numa escola, com morte de centenas de crianças. O horror causado pela catástrofe foi tamanho que ninguém quis saber de ciência. Passaram o resto da tarde comentando o trágico destino das pobres crianças e o infinito desespero dos pais. No dia seguinte, porém, a palestra científica foi retomada. Tema: o fogo.

— Que pena, vovó! — disse Narizinho —, que o tal fogo seja tão feroz! Aquele incêndio de ontem não me sai da cabeça. Quase não pude dormir esta noite. Como é malvado o fogo!

— E no entanto, minha filha, a ele devemos benefícios sem conta. Toda a civilização procede do fogo (LOBATO, 1986d, p. 105).

Devido à notícia ter chegado ao Sítio e gerado tanta indignação para as crianças, o fogo tornou-se o tema do dia. Dona Benta defende que mesmo o fogo causando destruição, é importante compreender os benefícios por ele trazidos, não somente para os homens pré-históricos ou para a construção de inúmeras civilizações antigas, mas, especialmente, para “[...] aprendermos os meios de nos defender de sua fúria” (LOBATO, 1986d, p. 106). Então, conhecer o fogo e seu funcionamento dá as crianças direcionamentos e meios de se defenderem de possíveis acidentes ou de utilizá-lo a seu benefício no cotidiano. O mesmo acontece com o frio:

No dia seguinte a temperatura caiu muito, e como Pedrinho aparecesse todo encolhido Dona Benta começou perguntando:

— Qual a razão de estar você com as mãos no bolso, Pedrinho?

— Ou, melhor, para que o calor que você sente nas mãos não se perca. E sabe por que o calor se perde? Porque irradia (LOBATO, 1986d, p. 111).

Pedrinho estava se protegendo com as mãos no bolso sem, ao menos, ter consciência do porque de se encolher ou usar blusas para a proteção do corpo contra o frio. Quando Dona Benta o ensina que esconder a mão impede que o calor se irradie, Pedrinho



poderia, em outras ocasiões, agir conscientemente e procurar formas eficazes de se proteger do frio em seu cotidiano. Em outro momento, Dona Benta mostra que o mesmo aconteceria com Tia Nastácia, se ela tivesse consciência do uso da ciência em seu cotidiano, por meio do conhecimento formalizado e não somente do conhecimento informal:

— Sim, meu filho, tudo que sabemos constitui ciência, e quando você estudar física, por exemplo, vai verificar que só os livros de física apenas explicam teoricamente muita coisa que praticamente sabemos. Por que motivo na mesa, ontem, quando Emília derramou aquele copo d'água, você gritou para Tia Nastácia: “Traga um pano”?

— Porque é com pano que se enxuga água.

— Perfeitamente. Você sabe de modo prático uma coisa que na física se chama *capilaridade*. O pano é feito de algodão, cujas fibras, por causa desse fenômeno da capilaridade, absorvem, chamam para si a água. Quer dizer que você, como toda gente, quando enxuga uma água com um pano, faz uso dum princípio da física, embora não o conheça teoricamente. Até Tia Nastácia, que Emília chama poço de ignorância, sabe um monte de coisas científicas — mas só as sabe praticamente, sem conhecer as razões teóricas que estão nos livros. Querem ver?

E Dona Benta chamou a preta.

— Tia Nastácia, que é do pano com que você enxugou a mesa ontem?

— Está no varal, secando, sinhá.

— Bem. Pode ir.

A negra retirou-se com um resmungo e Dona Benta prosseguiu:

— Vê como ela sabe coisas e como aplica as ciências? Sabe que se deixasse o pano amontoado num canto, ele emboloraria (LOBATO, 1986d, p. 13).

Neste último exemplo, podemos inferir que a procura de Dona Benta por acontecimentos para introduzir novos conteúdos configura-se como uma tentativa de buscar explicações científicas aos fatos reais, do cotidiano. Dessa forma, as crianças poderão agir sobre a natureza de maneira consciente e, assim, facilitar sua vida. No final do livro *Geografia de Dona Benta*, Dona Benta resume a importância de conhecer a ciência para utilizá-la no dia-a-dia, filosofando “A riqueza material é areia do deserto: ora se acumula aqui, ora ali, conforme sopram os ventos. Mas quem tem a riqueza no miolo, ah, esse está garantido contra todos os azares da vida” (LOBATO, 1986d, p. 204). Sendo assim, conhecer história, geografia e ciência, nos ajuda a compreender a realidade e agir conscientemente sobre a natureza.

A leitura a moda de Dona Benta, a priorização dos interesses das crianças, a aceitação de perguntas e de participação, a utilização da imaginação das crianças para

viabilizar o ensino e torná-lo mais atraente e a busca de compreensão dos fatos cotidianos são as principais ações de cunho educativo de Dona Benta presentes nos três livros de Monteiro Lobato.

As ações de Dona Benta elencadas até aqui nos auxiliam a investigar o ideário pedagógico defendido por Monteiro Lobato, que será aprofundado no próximo tópico desse trabalho. Os conteúdos que aparecem nos três livros selecionados, nos esclarecem quais os conhecimentos que Monteiro Lobato avaliava ser importantes para a formação da criança brasileira. Em linhas gerais, os conteúdos dos livros giram em torno de três eixos centrais: história, geografia, física. No entanto, alguns desdobramentos desses eixos são abordados por Dona Benta.

Em *História do Mundo para as crianças*, Dona Benta aborda inúmeros conteúdos da disciplina de história, em especial aqueles acontecimentos que deram origem ou afetaram todo mundo. Como o próprio nome já diz, o livro relata a história da formação do mundo, das civilizações, do oriente e do ocidente, bem como os maiores fatos históricos mundiais e suas repercussões para a constituição do mundo atual. Inicia relatando a teoria da origem do universo e dos seres vivos. Sobre a pré-história, apresenta os métodos de investigação histórica, a descoberta do fogo e origem das primeiras civilizações na região da Mesopotâmia.

Sobre os primeiros anos da história humana, Dona Benta comenta sobre as primeiras formas de escrita humana, curiosidades sobre os povos egípcios, babilônicos, judeus, gregos, romanos, assírios, persas, macedônicos, as principais guerras entre eles, conquistas, reis, imperadores e homens que lá viviam. Apresenta os povos do oriente (China, Índia e Japão), a Idade Média, os povos Europeus e o domínio de outros povos, seus reis e a descoberta das Américas. Finaliza com a história da Segunda Guerra Mundial e o poder da energia atômica com a bomba de Hiroshima.

Em *Geografia de Dona Benta*, Dona Benta inicia apresentando sobre os planetas e os astros do universo, a Lei da Gravitação de Newton, sobre o objeto de estudo da Geografia, sobre a superfície terrestre (hemisférios, continentes e pólos, oceanos e mares, ponto de referência) e sobre algumas curiosidades do Planeta Terra. A bordo do navio “O Terror dos Mares”, percorre todos os países do planeta, levantando curiosidades sobre suas cidades, a cultura, o modo de viver, a vegetação, a economia, entre outras especificidades.

Observa-se que, neste livro, Lobato dá importante destaque às principais fontes de energia do mundo, como o carvão e o petróleo, pois tem o objetivo de mostrar o quão

desenvolvido são os países que pesquisam e exploram tais fontes de energia. A publicação desta obra corresponde ao período em que Monteiro Lobato está engajado com as lutas pelo desenvolvimento econômico do país e busca, para este fim, que seus leitores compreendam sua política nacionalista de petróleo (LAJOLO, 2000). Sua luta fica evidente neste livro, quando Dona Benta faz referência ao petróleo quando afirma a Pedrinho que “[...] hoje a desgraça do Brasil é não possuir combustível que pôs o carvão no chinelo” (LOBATO, 1986a, p. 186), ou quando aponta às crianças que:

O petróleo é o rei dos combustíveis modernos, de modo que só os fortes, ricos e respeitados países o possuem. Graças ao petróleo é que os automóveis e aviões existem. Ferro e petróleo: eis os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos. Os Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo porque é de todos o que produz mais ferro e petróleo (LOBATO, 1986a, p. 51).

A parada dos moradores do Sítio de Dona Benta nos Estados Unidos é a mais longa. Lobato tem enorme admiração por esse país, mormente após morar lá com sua família por quatro anos. Quando retornou ao Brasil “[...] seu principal pensamento e anseio, depois de instalado nos Estados Unidos, é o de “ferrar” o Brasil, enriquecer-se e enriquecê-lo” (MACHADO, 1993, p. 75). Sua ideia de modernização do país ficou expressa em *Geografia da Dona Benta* e, com ela, podemos concluir que Lobato objetivava incutir nas crianças brasileiras a importância do ferro e do petróleo para o desenvolvimento do país.

O mesmo acontece nos *Serões de Dona Benta*. Nele, Dona Benta trata sobre a importância da ciência no dia-a-dia das crianças e dá importante destaque aos seis tipos de máquinas simples e, novamente, às riquezas encontradas no subsolo, como o ferro e o petróleo. Também aborda conteúdos da física (ar, água, fogo, tempos e clima, tempestades, calor, matéria) e da astronomia (universo, telescópio, sistema solar, planetas, astros, formação do planeta).

Machado (1993) nos esclarece que Lobato via na criança um ser especial, que vai se fazer homem, porém com muito pouco de homem. Ela deve ser capaz de julgar a qualidade do que recebe. Porém, o desejo de aprender não é natural, mas deve ser ensinado à criança. Nesse sentido, Lobato atribui à literatura infantil grande responsabilidade na formação da criança e, por isso, deve adequar-se aos seus interesses. Ele assegurava que a

criança é o homem de amanhã e que, por isso, os conteúdos levantados em seus livros deve falar-lhe a imaginação e ensinar-lhe o que é importante.

#### 4 RELAÇÕES ENTRE AS AÇÕES EDUCATIVAS DE DONA BENTA E O IDEÁRIO PEDAGÓGICO ESCOLANOVISTA

O presente tópico terá como objeto principal os pressupostos teóricos e metodológicos da pedagogia da Escola Nova, bem como o histórico sucinto de sua constituição no Brasil. Esse movimento chegou ao Brasil no século final XIX, com o intuito de “[...] transformar as normas tradicionais da organização escolar, com isso ensaiando uma *escola nova*, no sentido de escola diferente das que existem” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 17)<sup>9</sup>. O movimento da Escola Nova se fixou no Brasil por meio do documento *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* (1932), que posicionava a criança no centro do processo de ensino, atribuía à educação o papel de transformação do país e a institucionalização de uma escola pública, laica, gratuita e para todos.

Os novos ideais vieram sob influência de alguns intelectuais norte-americanos e europeus, como “[...] Claparède, Binet, Simon, Decroly, Ferrière, Montessori, Durkheim, Kerschenstein, Dewey, Kilpatrick, Wallon, Piéron, Thorndike, e até mesmo, Lunatshartky<sup>10</sup>, o primeiro ministro da Instrução Pública da União Soviética, após a Revolução de 1917” (LEMME, 2011, p. 169).

Para iniciar o relato histórico, tomamos como fontes bibliográficas os estudos de Lemme (2011) e Machado (2009), que muito colaboraram para a compreensão do contexto histórico que influenciou a instauração da Escola Nova no país. Sendo assim, nos transportamos aos momentos finais do século XIX, que coincidiam com o fim de Brasil Imperial e a proclamação de um novo regime político, o republicano, pois ocorreram nesse período muitos acontecimentos que tangeram a educação a um novo modelo.

---

<sup>9</sup> Segundo Saviani (2007, p. 7), a pedagogia escolanovista é uma adequação da pedagogia tradicional, ou seja, “tem como ponto de partida a Escola Tradicional”. Nesse sentido, a pedagogia nova “começa, pois, por efetuar a crítica a pedagogia tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, através de experiência restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares” (SAVIANI, 2007, p. 7).

<sup>10</sup> “Os nomes das mais eminentes figuras de educadores que lideravam esse movimento da chamada Escola Nova, em vários países do mundo, e que inspiravam os educadores brasileiros, passaram a se tornar familiares entre nós, por suas obras, que aqui chegavam e eram ou não traduzidas, ou também em revistas especializada [...]” (LEMME, 2011, p. 169). Os principais intelectuais eram Claparède (Suíça), Binet (França), Montessori (Itália), Dewey (Estados Unidos), Durkheim (França), Kilpatrick (Estados Unidos), Wallon (França), Piéron (França) e Thorndike (Estados Unidos).

Além da instauração da República no país e a queda do regime imperial, outros fatores foram considerados por Fernando de Azevedo (1971, p. 615) como “acontecimentos tão importantes para a vida nacional” e que foram responsáveis pela mudança do paradigma educacional, como o primeiro surto industrial e o estabelecimento de uma política imigratória, a abolição da escravidão no Brasil e a organização de um trabalho livre.

Como relatou Machado (2009), a economia do país era agrária e o café era o produto mais cultivado e exportado pelo país. Porém, Lemme (2011, p. 164) destaca que a agricultura era atrasada. Desde 1808 e do grito da Independência brasileira (1822), o Brasil dependia economicamente da Inglaterra, maior potência mundial do período, pois de lá vinham todos os produtos fabricados nas grandes indústrias inglesas e o Brasil as exportava em troca do café. A partir da eclosão da Primeira Grande Guerra, o processo de industrialização no Brasil entrou em ritmo acelerado, pois o país foi impedido de receber produtos europeus, alargando a necessidade de expandir e diversificar a indústria local (LEMME, 2011).

Com abolição da escravidão (1988) e sem nenhum tipo de mão-de-obra especializada, essas indústrias necessitavam substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho do imigrante estrangeiro, que se dirigiram ao Brasil após a guerra em busca de melhores condições de vida. Os escravos tinham baixo nível de educação formalizada e não poderiam atuar nas indústrias. Sendo assim,

[...] era preciso, com urgência, conseguir trabalhadores assalariados, que ofereciam menor risco de perda que o capital investido no escravo. Para a expansão do processo de industrialização, urgia acelerar a libertação dos escravos e facilitar assim a vinda de imigrantes. Vemos assim um dos pontos em comum entre o grupo cafeicultor, que necessitava de braços, e o grupo de industriais, que necessitavam dinamizar um mercado interno (PESSAMÍLIO, 1978, p.15).

A industrialização e a urbanização, portanto, implicavam “[...] diversas transformações econômicas e sociais, como o incremento do trabalho assalariado, o aumento da população urbana, o incentivo à imigração, a divisão do trabalho e, conseqüentemente, a formação de novas camadas sociais” (MACHADO, 2009, p. 105). Os novos trabalhadores brasileiros eram “[...] portadores de uma educação mais aprimorada, elementar, profissional, e mesmo de nível secundário” (LEMME, 2011, p. 166), além de

terem maior nível profissional e de educação formal. Assim, pressionavam por uma melhoria na qualidade de ensino, que ainda era precária.

No entanto, muito mais que a pressão dessa nova classe trabalhadora, a educação passou a ganhar papel de destaque, no sentido de promover o desenvolvimento das indústrias. A economia promovia o desenvolvimento industrial e isso só era possível pela educação. A nova crença que se difundia era que ela prepararia o homem para essa nova forma de produção. A industrialização exigia:

[...] a utilização de novos maquinários, o desenvolvimento das estradas de ferro, do telégrafo, do correio, enfim, o incremento dos transportes e meios de comunicação. Contudo, para promover transformações mais amplas que preparassem o trabalhador nacional para as novas relações de trabalho, apresentava-se a educação do indivíduo. Esta transmitiria a cultura necessária à expansão do capitalismo e à integração do Brasil ao mercado globalizado que vinha se evidenciando desde o final do século XIX, em uma fase da sociedade burguesa dominada por Lénin (1987) Imperialismo (MACHADO, 2009, p. 106)

Essa idéia fica expressa no próprio Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, quando afirma que “[...] é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa (MANIFESTO, 2011, online). A instituição da República exigia da população o voto. A educação era vista como aquela que prepararia o povo para esse novo regime. Portanto, ela foi atribuída como a única que prepararia o povo para o exercício da cidadania com o voto e para a formação do homem especializado para a nova forma de reprodução que entraria em ascensão no país (MACHADO, 2009). Nesse período, colocou-se a necessidade de um “[...] modelo educacional condizente com uma sociedade moderna e civilizada” (MACHADO, 2009, p. 106).

Outra preocupação dos intelectuais do Manifesto era “Adequar as teorias estrangeiras à realidade nacional e produzir investigações sobre as características da escola, da criança e do adolescente” (VIDAL, 2000, p.513). O maior dos desafios para adequar a teoria estrangeira à realidade brasileira seria fornecer condições técnicas e materiais a *todo* o território, que é de grande extensão. Para Anísio Teixeira (1968, p. 17),

[...] a escola não mais poderia ser a instituição segregada e especializada de preparo de intelectuais ou “escolásticos”, mas deveria transformar-se na agência de educação dos trabalhadores comuns, dos trabalhadores

qualificados, dos trabalhadores especializados em técnicas de toda ordem e dos trabalhadores da ciência nos seus aspectos de pesquisa, teoria e tecnologia.

Todos os esses acontecimento tiveram consequências a partir dos anos 1920. Paschoal Lemme (2011) elenca alguns desses acontecimentos. Entre eles, a mocidade militar que “[...] rebela-se contra o predomínio das oligarquias agrárias” (LEMME, 2011, p. 166), tendo como consequência a Revolução de 30 e a predominância de um caráter nacionalista, em que os olhos se voltaram para os elementos do país.

No âmbito educacional, as mudanças que ocorriam por meio das reformas de educação e ensino, justificam-se por inúmeras preocupações. Entre elas, está o fato de que os educadores “[...] pretendiam acompanhar as discussões teóricas e as inovações práticas realizadas na educação européias e norte-americanas” (VIDAL, 2000, p. 512) e pela necessidade de transformações econômicas, políticas e sociais, ora por um conjunto de ideias oriundas da Europa pelos intelectuais supracitados, que “[...] pregavam a renovação de métodos e processos de ensino” (LEMME, 2011, p. 167), chamado *Escola Nova*. Para Nagle (2001, p. 45), as “frequentes reformas deixam entrever o objetivo de democratizar a cultura, pela ampliação dos quadros escolares”.

Embasados por essa corrente filosófica, inúmeras foram as reformas em vários estados do país, como em São Paulo (1920), com Sampaio Dória, na Bahia (1924), com Anísio Teixeira e, a mais profunda delas, no Distrito Federal, com Fernando de Azevedo (MACHADO, 2009, p. 107). Sendo assim, a Reforma Fernando de Azevedo (LEMME, 2011) abriu as portas para a publicação de uma literatura especializada para esse movimento, não somente dos intelectuais brasileiros, mas dos “[...] nomes das mais eminentes figuras de educadores que lideravam esse movimento da chamada *Escola Nova*, em vários países do mundo, e que inspiravam os educadores brasileiros” (LEMME, 2011, p. 169).

Os ideais da escola nova foram expressos no documento *O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova: reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao Governo*, que foi publicado em 1932, por solicitação do presidente Getúlio Vargas, chefe do Governo Revolucionário da nova República (Segunda República). Ele cedeu “[...] às influências de todo aquele movimento de renovação da educação e do ensino” (LEMME, 2011, p. 170) e pediu a elaboração do documento que procuraria “[...] traçar as diretrizes de uma



verdadeira política nacional de educação e ensino, abrangendo todos os seus aspectos, modalidades e níveis” (LEMME, 2011, p. 171).

O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, portanto, dedicou-se a explicitar o movimento de reconstrução educacional no Brasil. Esse Manifesto foi assinado por Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, J. G. Frota Pêsoa, Júlio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, entre outros.

O documento foi dividido em tópicos<sup>11</sup> que mostram o movimento da renovação educacional, suas diretrizes, as reformas, as finalidades da educação e os valores mutáveis e permanentes. Os autores dedicaram-se: a manifestar a relação do Estado em face da educação; a função educacional; o processo educativo e conceitos dos fundamentos da Educação Nova; o plano de reconstrução educacional; a unidade de formação de professores e a unidade de espírito; o papel da escola na vida e a sua função social, e, por fim, a democracia – um programa de longos deveres.

Na introdução do Manifesto, os autores destacam que nenhum dos problemas nacionais, nem mesmo os econômicos, tem a maior necessidade de uma reconstrução do que a educação, já que não há desenvolvimento econômico sem a educação. Em nenhum dos momentos do Brasil republicano, os planos econômicos e educacionais estiveram entrelaçados, ou seja, nunca criaram um sistema de educação tendo como foco principal as necessidades econômicas do país. Na pedagogia nova, o interesse é preservado para que todos desenvolvam suas aptidões, aspirações, invenções, iniciativas, que são “[...] fatores fundamentais do acréscimo de riquezas de uma sociedade” (MANIFESTO, 2011, online)

Sendo assim, a causa da “inorganização” da educação estava “[...] na falta de espírito filosófico e científico, na resolução dos problemas da administração escolar”

---

<sup>11</sup> Paschoal Lemme (2011) registrou uma “análise mesmo superficial do documento” (p. 172), destacando suas orientações e finalidades em tópicos, que nos permitem ter uma visão generalizada e ampla do movimento: 1) Concepção de educação natural e integral do indivíduo, respeitando a personalidade, mas ressaltando que é um ser social e tem deveres com a sociedade. Por isso, é uma educação que sobrepõe-se à luta de classes; 2) Educação como direito de todos dentro do princípio democrático; 3) O Estado deve assegurar o direito da educação, por isso a educação é essencialmente pública; 4) O direito a todos é assegurado se a educação for única, obrigatória, gratuita e para todos os sexos; 5) Política global e nacional, para todos as modalidades de ensino; 6) A organização deve ter como princípio a descentralização administrativa; 7) Os métodos e processos de ensino devem seguir as modernas conquistas das Ciências Sociais, Psicologia e Pedagogia; 8) A educação deve obedecer planos definidos; 9) Os professores devem ser formados para a unidade e serem conscientes da sua responsabilidade, devem receber boa remuneração para manter o desempenho e a eficiência.

(MANIFESTO, 2011, online) e isso só acontecia por não terem um pensamento em comum acerca da nossa cultura. Neste sentido, o educador deve ter conhecimento aprofundado da vida humana e social, e perceber o que está além da aparência e a escola deveria reconhecer a sua função em meio à sociedade, isto é, conhecer a cultura geral. Somente assim poderia identificar, refletir sobre eles para corrigi-los, por meio de experiência, técnicas, métodos e medindo os resultados.

No tópico intitulado *O Estado em face da educação*, os pioneiros, inicialmente, ressaltam que a educação é uma função essencialmente pública e é direito de cada indivíduo a educação integral. Por isso, tendo o Estado sob a tutela, a educação é uma função social eminentemente pública. Para justificar tal afirmação, os educadores mostram que a “[...] educação que é uma das funções de que a família se vem despojando em proveito da sociedade política, rompeu os quadros do comunismo familiar e dos grupos específicos (instituições privadas), para se incorporar definitivamente entre as funções essenciais e primordiais do Estado.” (MANIFESTO, 2011, online). Embora a família tenha sofrido uma restrição progressiva de suas atribuições, ela é considerada um quadro natural que sustenta um indivíduo e sobre a qual o estado deve assentar o trabalho da educação, pondo-se a serviço a obra comum entre a família e a escola.

Quanto à questão da escola única, cabe ao Estado oferecer e fornecer as condições para que a escola seja única, isto é, “uma educação comum, igual para todos”. À luz desse princípio, Teixeira (1968, p. 30) afirma que a “[...] chamada expansão educacional nada mais é do que a generalização para todos da educação da elite”. Esta concepção é reafirmada no Manifesto quando os autores declaram que

Em nosso regime político, o Estado não poderá, de certo, impedir que, graças à organização de escolas privadas de tipos diferentes, as classes mais privilegiadas assegurem a seus filhos uma educação de classe determinada; mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas, a que só tenha acesso uma minoria, por um privilegio exclusivamente econômico (MANIFESTO, 2011, online).

A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação são outros princípios da escola unificada. A laicidade coloca a educação acima de crenças e disputas religiosas; a gratuidade é extensiva a todas as instituições e a todos os cidadãos, sendo esta condição

para a obrigatoriedade; a coeducação é um elemento que põe em pé de igualdade alunos de sexos diferentes.

A função da educação deve ser uma só, já que a educação se propõe, antes de tudo, a desenvolver ao máximo a capacidade vital do ser humano. Para isso,

A seleção dos alunos nas suas aptidões naturais, a supressão de instituições criadoras de diferenças sobre base econômica, a incorporação dos estudos do magistério à universidade, a equiparação de mestres e professores em remuneração e trabalho, a correlação e a continuidade do ensino em todos os seus graus e a reação contra tudo que lhe quebra a coerência interna e a unidade vital, constituem o programa de uma política educacional, fundada sobre a aplicação do princípio unificador que modifica profundamente a estrutura íntima e a organização dos elementos constitutivos do ensino e dos sistemas escolares (MANIFESTO, 2011, online).

Essa função educacional será comprometida, uma vez ela estiver subordinada a interesses transitórios do Estado. “Não há sistema escolar cuja unidade e eficácia não estejam constantemente ameaçadas, senão reduzidas e anuladas, quando o Estado não o soube ou não o quis acautelar contra o assalto de poderes estranhos, capazes de impor à educação fins inteiramente contrários aos fins gerais que assinala a natureza em suas funções biológicas” (MANIFESTO, 2011, online). Por isso, decorre a necessidade de uma autonomia técnica, administrativa e econômica, em que os técnicos e os educadores tenham a responsabilidade de direcionar e administrar os meios materiais de que a instituição escolar necessita.

A unidade da educação pressupõe a multiplicidade. Por isso, os pioneiros defendem a aplicação da doutrina federativa e descentralizadora, para levar, em toda a república “[...] uma obra metódica e coordenada, de acordo com um plano comum, de completa eficiência, tanto em intensidade como em extensão” (MANIFESTO, 2011, online). Segundo Lemme (2011, p. 169), as reformas realizadas na década de 1920 “[...] restringiram-se às áreas dos vários estados da federação”. Nesse sentido, o governo federal só realizava reformas no ensino superior. Após a institucionalização do modelo escolanovista, o governo federal passou a se responsabilizar pela educação primária. Por isso, a União, na capital, e os Estados em seus territórios, devem garantir a educação em todos os graus, e o Governo Central deve vigiar a obediência aos princípios da unidade educacional e socorrer as deficiências ali postas. A unidade educativa

[...] se manifestará então como uma força viva, um espírito comum, um estado de ânimo nacional, nesse regime livre de intercâmbio, solidariedade e cooperação que, levando os Estados a evitar todo desperdício nas suas despesas escolares afim de produzir os maiores resultados com as menores despesas, abrirá margem a uma sucessão ininterrupta de esforços fecundos em criações e iniciativas (MANIFESTO, 2011, online).

No Manifesto, os autores apresentam os fundamentos da Escola Nova. A escola, nesse novo processo, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, que favoreça a troca de relações e experiências. Para isso acontecer, os trabalhos e as atividades devem ser espontâneas, dirigidas pelas necessidades próprias do indivíduo, ou seja, a atividade está na base de todos os seus trabalhos, tendo como elemento psicológico principal o “interesse”, que é a primeira condição de uma atividade espontânea. O estímulo deve ser constante ao educando para a busca de todos os recursos ao seu alcance, “[...] graças à força de atração das necessidades profundamente sentidas” (MANIFESTO, 2011, online). O interesse, portanto, é a fonte de inspiração das atividades escolares.

No tópico de reconstrução educacional, o Manifesto apresenta as linhas gerais do plano partindo da afirmação da necessária transformação radical da educação pública a luz do novo conceito da educação e das necessidades nacionais, corrigindo os erros do antigo sistema nos diversos graus, desde a escola primária e profissional, secundária e superior. A nova política educacional rompe com a formação excessivamente literária para dar um caráter científico e técnico, impondo reformas profundas. Procura reforçar o valor social da escola, sem negar a arte, a literatura e os valores culturais.

Explicitam que o ponto nevrálgico da estrutura do plano é a hierarquização de suas instituições escolares aos quatro grandes períodos que apresenta o desenvolvimento natural do ser humano, e a substituição do conceito estático por um conceito dinâmico de educação, para levar a formação integral da personalidade do aluno e o desenvolvimento da sua faculdade produtora e do seu poder criador. A escola moderna estabelece que depois dos 15 anos, um ponto em que o ensino se diversifica para se adaptar a diversidade crescente de aptidões e gostos e da atividade social.

Nessa mesma linha de pensamento, os autores apresentam no documento o conceito moderno de universidade e o problema universitário no Brasil. Para eles, a educação superior ou universitária deve ter uma formação profissional e técnica, além de formar pesquisadores em todas as áreas de conhecimento. Devem ter a função elaboradora ou

investigativa, de transmissão de conhecimento e de popularização da ciência e da arte, deixando de prestar serviços exclusivos as profissões liberais, restrita a finalidades profissionais e quadros rígidos de formação.

A universidade, afirmam os signatários do Manifesto, se encontra no ápice de todas as instituições educativas e tem a responsabilidade de formar as elites de pensadores, sábios, cientistas, técnicos e educadores; elevando o desenvolvimento das aptidões naturais dos indivíduos ao máximo e selecionando aqueles que são mais capazes, para que estes tenham força para exercer influência efetiva na sociedade e afetar a consciência social. Os professores do Brasil devem fazer parte dessa elite. Todos os professores deverão ter a preparação em escolas secundárias e formar seu espírito pedagógico, em todos os seus graus, conjuntamente em cursos universitários. A formação em universidades, portanto, é o único meio de elevar o professor em verticalidade e cultura.

Sobre o papel da escola na vida e a sua função social, a escola é conceituada como instituição social, limitada na sua ação educativa, pela pluralidade e diversidade das forças que concorrem ao movimento das sociedades. Por isso, cada escola, seja qual for seu grau, deve reunir em torno de si as famílias dos alunos, aproveitando as iniciativas dos pais que estão a favor da educação, estimular sociedades de ex-alunos, numa cooperação social entre os pais, professores, empresas e todas as demais instituições diretamente intervenção na obra da educação.

O último tópico do documento, *A democracia, - um programa de longos deveres*, os pioneiros reconhecem as dificuldades apresentadas pela reconstrução educacional, porém afirmam que somente pela educação as revoluções fecundas se consolidam ainda que

De todos os deveres que do Estado, o que exige maior dedicação e justifica maior sacrifício é a educação, que, dando ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los, entretém, cultiva e perpetua a identidade da consciência nacional, na sua comunhão íntima com a consciência humana (MANIFESTO, 2011, online).

Muitos são autores que realizaram pesquisas sobre o período da Escola Nova. Por isso, consideramos importante resgatar alguns aspectos metodológicos da pedagogia escolanovista, que se estenderam para além do Manifesto, e que nos dão contribuições para compreender a organização da educação e do ensino desse período. Entre esses autores,

citamos Diana Vidal (2000), que levanta informações acerca da introdução das Ciências Naturais como conteúdo na nova escola.

Acerca dos conteúdos, Machado (2009, p. 111) declara que “deveriam ser organizados com base em planos definidos e em escalas educacionais, constituindo-se em um sistema. Deveriam proporcionar a aquisição de conhecimentos científicos pelo método da observação, da pesquisa e da experiência”. Nesse sentido, as ciências naturais foram introduzidas aos conteúdos do ensino primário como apropriações escolares de saberes e práticas sociais (VIDAL, 2000).

O método intuitivo<sup>12</sup> ou a “lição das coisas, apropriado pela Escola Nova, tinha estreita relação com o estudo das ciências naturais, já que ele só aconteceria por meio da experimentação e da aproximação com o real. O ensino sempre deveria partir do abstrato para o concreto ou empírico. Os órgãos do sentido passaram a ser valorizados para a aquisição de novos conhecimentos, pois por meio deles os educandos poderiam conhecer o mundo em que viviam e desenvolverem-se gradualmente.

A aproximação com a realidade também acontecia por meio da observação de fatos e objetos em que o aluno conhecia melhor suas características. O ensino não acontecia diretamente pelo professor, mas pelo aluno em sua relação entre ele e o objeto. Por isso, a escola deveria portar um conjunto amplo de materiais para observação, e assim constituir-se como uma “escola laboratório” (VIDAL, 2000). Os materiais eram importantes, pois eram imprescindíveis para a experimentação.

Ocorriam excursões para a coleta de objetos. Os alunos tornavam-se pesquisadores e traziam para a escola as suas curiosidades. Então, era necessário montar laboratórios ou gabinetes para estudo. Os objetos colhidos e os fatos observados de acordo com o interesse do aluno para observações eram trazidos para a sala de aula e tornavam-se objeto de estudo. O aluno, portanto, era o centro de todo o processo educativo. As atividades de Física e Química eram realizadas em laboratórios para que os passos da experiência fossem realizados. Então, era necessário montar laboratórios ou gabinetes para estudo. Neste

---

<sup>12</sup> “Entre as inovações vinculadas ao *método de ensino intuitivo*, estão a proposição que a escola deva ensinar coisas vinculadas à vida, aos objetos e fatos presentes no cotidiano dos estudantes, introduzindo assim os objetos didáticos como elementos imprescindíveis à formação das idéias. [...] A introdução dos objetos didáticos na educação tem um caráter lúdico, mas também disciplinador: um elemento novo em sala de aula torna-se o centro da atenção das crianças, instaurando assim algo que é comum a toda a classe de alunos e ao professor, é aquilo que os une no caminho do conhecimento. Mas, acima disso, traz consigo a possibilidade de uniformizar raciocínios, modos de pensar, cristalizando uma forma de apropriação das coisas exteriores num processo que é dirigido pelo professor, o representante naquela situação do legado das gerações precedentes, inclusive com seus valores e seus preconceitos (VALDEMARIN, 2004, p. 176).

contexto, “O aluno assumia soberanamente o centro dos processos de aquisição do conhecimento escolar: aprendizagem em lugar de ensino” (VIDAL, 2000, p.498).

Este modo de conceber a criança e sua aprendizagem tem muitos pontos em comum com a forma lúdica e atrativa com as quais as crianças do Sítio aprendiam diferentes conteúdos. Dona Benta, em alguns momentos já referidos, compartilhava desta forma de conduzir a aprendizagem, ouvia os interesses infantis, permitia a eles experienciarem, estabelecia relações com a vivência de cada um. Era uma provocadora que oferecia oportunidades para as crianças usarem de sua criatividade e imaginação. Distanciava-se assim, da antiga forma escolar em que o professor detém o conhecimento e o transmite para os alunos. O aluno teria uma ação passiva. Para Dona Benta, isto seria inconcebível.

O mesmo interesse que encaminha e dá movimento às atividades na educação da Escola Nova, também conduz as atividades de ensino e os conteúdos abordados no Sítio de Dona Benta. Por meio das perguntas levantadas pelas crianças, as curiosidades trazidas por elas e dos acontecimentos por elas vivenciados, as explicações ganham novos rumos. A leitura à moda de Dona Benta, com entonação e sem complicações é uma leitura mais interessante para as crianças, mais divertida, instigante e imaginativa. Apesar de a leitura não ser destacada no Manifesto, ela se aproxima desse ideário por ser mais interessante para a criança e por possibilitar a imaginação e busca da construção do conhecimento por meio dos livros.

A imaginação é muito contemplada como recurso pedagógico para Dona Benta. O ato de imaginar pressupõe um distanciamento com a realidade, porém é empregada por Dona Benta como uma forma de aproximar a criança da realidade por meio da experimentação, mesmo que de forma imaginária. A imaginação também é mais interessante para a criança e, por isso esse recurso se aproxima do ideário escolanovista. Além disso, intensifica o espírito de criação, “[...] a atividade espontânea, alegre e fecunda dirigida à satisfação do próprio indivíduo” (MANIFESTO, 2011, online).

Para finalizar, a escolha de Monteiro Lobato em colocar seus personagens em um sítio não foi em vão. O Sítio de Dona Benta é o próprio laboratório científico considerado tão importante para os pensadores no ideário da Escola Nova. Um sítio possibilita a observação de numerosos eventos e fenômenos naturais, coleta de materiais, além de ser um ambiente agradável e propício para o aprendizado. Os inúmeros eventos vivenciados pelas crianças, e que lhes instigavam a uma explicação eram levados a Dona Benta. O

mesmo acontecia no ensino da Escola Nova, em que o aluno, por ser o centro, tinha o poder de conduzir as aulas de acordo com seus próprios interesses.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho nos permitiu visualizarmos alguns elementos do período em que o autor, pioneiro na produção da literatura infantil brasileira, viveu. A contextualização histórica em que as obras foram produzidas possibilitou-nos explicitar os elementos socioeconômicos, político e cultural das décadas de 1920 a 1940, momento da elaboração e publicação dos três livros selecionados para análise deste trabalho, da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Entre eles, citamos o período de transição do regime imperial para o regime republicano, a efervescência da modernização da arte com a Semana da Arte Moderna (1922), os debates para a criação de uma cultura nacional e a contradição com referências culturais européias e americanas, a modernização do sistema produtivo, reformas e ideais para a modernização do país por meio da educação.

Até mesmo na sua obra infantil, em especial o livro *Geografia de Dona Benta*, encontramos alguns elementos econômicos, políticos e sociais do Brasil, quando Dona Benta explica as características socioeconômicas, político e social de cada Estado do Brasil. Os ideais de modernização do país do próprio autor, também estão presentes nesse livro.

Lobato, após voltar dos Estados Unidos, estava envolvido com a campanha de modernização do país, por meio da busca de petróleo e produção de ferro. A economia do país era basicamente agrária, mas as indústrias estavam dominando todos os setores da economia. Por isso, para Lobato, a única forma de o país entrar para o grupo dos países desenvolvidos era pelo ferro e petróleo. Essas ideias de Lobato ficam expressas em suas obras, tanto para adultos quanto para crianças. As reformas educacionais também são desse período e à educação foi atribuído o papel de desenvolvimento do país. Por meio das ações de Dona Benta, podemos nos aproximar de um ideário pedagógico defendido por Lobato.

Ao analisarmos os principais livros em que Dona Benta assume o papel de professora ou “contadora de história”, conseguimos identificar as ações educativas de Dona Benta no momento em que estava “ensinando” as crianças do Sítio. Permitimo-nos afirmar que Dona Benta ensinava, pois o próprio Monteiro Lobato, por meio de uma fala de Pedrinho, utilizou esse termo para descrever o que Dona Benta fazia no Sítio:

— Que pena! — suspirou Pedrinho, quando Dona Benta lhe trouxe a notícia. — Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi *ensinado* por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro...(LOBATO, 1986d, p. 201).

Além de visualizarmos o termo “ensinado”, identificamos nessa fala de Pedrinho uma crítica feita por Monteiro Lobato com relação ao ensino oferecido nas escolas do período. Nesse sentido, podemos inferir que somente a forma de ensinar de Dona Benta, suas ações educativas e os seus recursos pedagógicos aplicados são de fato convenientes para o ensino as crianças na perspectiva de Lobato.

As principais ações de cunho pedagógico de Dona Benta, elencadas nos livros de Lobato são: a leitura à “moda” de Dona Benta, com entonação e sem vocabulários complicados; a ênfase dada por ela à leitura como principal meio para aprender e entender o mundo; o encaminhamento das explicações de acordo com o interesse a motivação das crianças; a aceitação da imaginação das crianças e sua utilização como recurso pedagógico; o aprendizado em um local com muitas possibilidades para observação dos fenômenos naturais, fatos e objetos; a busca de explicações para os fatos inéditos que acontecem no cotidiano das crianças; e a realização de experiências que as aproximem e dão esclarecimentos aos eventos da vida.

É importante destacar que Monteiro Lobato não tinha o intuito em desenvolver uma nova corrente ou um novo ideário pedagógico, mas repetir e divulgar as ações pedagógicas do ideário subjacente no período. As ações de Dona Benta têm estreita aproximação com o ideário pedagógico amplamente divulgado no período da publicação do ideário da Escola Nova, presente no pensamento dos intelectuais do período como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974), entre outros.

Ao analisar os aspectos metodológicos da Escola Nova expressas no Manifesto dos Pioneiros e elencadas por estudiosos dessa corrente pedagógica, observamos a existência de relações entre as ações educativas da personagem Dona Benta com as discussões educacionais do período e com o modelo pedagógico escolanovista. Destacamos o posicionamento central atribuído a criança no processo de ensino, sobretudo no que dizia respeito à priorização do interesse da criança, por meio de atividades que tornem o ensino mais atraente, com estímulo a imaginação, linguagem mais acessível, abertura para a busca de conhecimentos, em locais que possibilitem a observação de fenômenos e objetos, entre

outros. Esses elementos apresentaram-se com frequência nos livros analisados e nos fazem inferir uma possível aproximação entre Lobato e o ideário escolanovista.

Portanto, concluímos que o estudo nos deu embasamento para afirmar que a literatura infantil de Monteiro Lobato, sobretudo, no que se diz respeito às ações educativas de Dona Benta expressas nos livros *Histórias do mundo para as crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935), e *Serões de Dona Benta*, se aproximam da concepção pedagógica escolanovista em ascensão no período. Lobato se opunha as antigas formas de ensinar e propôs novos encaminhamentos ao ensino, com metodologias que se aproximavam da nova corrente pedagógica.

## 6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmen L., CAMARGOS, Marcia M. de R., SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

AZEVEDO, F. de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Edusp, 1971.

BARBOSA, A. **O ficcionista Monteiro Lobato**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FILHO LOURENÇO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

KOSHIYAMA, A. M. **Monteiro Lobato: Intelectual, Empresário, Editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

LOBATO, M. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, M. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986a.

LOBATO, M. **Histórias do mundo para crianças**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986b.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Círculo do livro, 1986c.

LOBATO, M. **Serões de Dona Benta**. São Paulo: Círculo do Livro. 1986d.

LOBATO, M. **Memórias de Emília**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986e.

LOBATO, M. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. 1998. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/lobato.htm>> Acesso em: 20/11/2010.

LEMME, P. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira**. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/81/83>> Acesso em: 29/09/2011.

MACHADO, M. C. G. **Reinações de um escritor: Monteiro Lobato**. Dissertação (mestrado em Educação)--Universidade Estadual de Maringá, Dep. de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 1993.

\_\_\_\_\_. **Manifesto dos Pioneiros da educação nova (1932) e a construção do sistema Nacional de ensino no Brasil**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

MANIFESTO dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao Governo. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>> Acesso em: 10/10/2011.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DPA, 2001.

PESSAMÍLIO, Herci M. R. A dinâmica social do café. In: MINISTÉRIO da Indústria e do Comércio. **O café no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Café, 1978.

SANTOS, E. S. **Monteiro Lobato e suas seis personagens em busca da nação**. (Dissertação de Mestrado), Araraquara, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores associados, 2007.

SOUZA, M. F. **Imagens do Jeca Tatu na produção literária de Monteiro Lobato: um processo de construção de identidade brasileira**. (Dissertação de Mestrado) UFRJ, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação Não é Privilégio**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino**. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VIDAL, D. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003.